

LÚCIO ALCÂNTARA

Lúcio Gonçalo de Alcântara nasceu em Fortaleza no dia 16 de maio de 1943. Graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, em 1966, fez curso de especialização em Medicina Tropical, em São Paulo. Foi médico do INAMPS, professor, por concurso, de Doenças Infecciosas e Tropicais da UFC, fundador e primeiro diretor do Hospital São José de doenças infecciosas. Dedicou-se à política tendo sido secretário de saúde do estado do Ceará, prefeito da cidade de Fortaleza, deputado federal, senador da República, vice-governador e governador do estado do Ceará. Pelo reconhecimento do seu trabalho recebeu inúmeras medalhas, entre as quais: do Pacificador; Amigo da Marinha; Comendador da Ordem do Ipiranga, de São Paulo; Medalha do Mérito Tamandaré, do Ministério da Marinha; Boticário Ferreira e cidadania de várias cidades do interior cearense.

Principais publicações: *Os mastócitos na língua do rato albino*, 1963; *Tratamento do calazar pela esplenectomia*, 1966; *Abscesso cerebral pós-traumático*, 1968; *Hepatite por vírus na gestação*, 1969; *Um compromisso interior*, 1973; *O descompasso dos tempos*, 1975; *Um médico vê o homem*, 1976; *Dois discursos acadêmicos*, 1978, em colaboração com Milton Dias; *Política municipal de proteção ao meio ambiente*, 1981; *Cem anos de liberdade – 1884-1984*, 1984; *Inquietações que fazem escrever*, 1986; *Praticando a descentralização*, 1992; *Pequenos escritos*, 2001, *A casa da minha avó*, 2006; e *O rio da minha infância*, 2006. Foi presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, 1997/2003 e, atualmente, é presidente do Instituto do Câncer do Ceará.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1978. Ocupa a vaga deixada por Otacílio de Azevedo, cadeira 26, cujo patrono é Manuel Soares da Silva Bezerra.

O RIO DA MINHA INFÂNCIA

O rio da minha infância

era largo

e era estreito

era fundo

e era raso

era manso

e era revoltoso

era longo

e era curto.

Contrastes de lembranças,

abismo da memória.

No fundo do poço

*na curva do rio
da minha infância
jazem os sonhos do menino.
Cruzar a nado
nas torrentes dos invernos
o rio da minha infância era
o heroísmo do dia.
Cruzar a passo a vida é
o heroísmo de uma existência.
Os ramos da velha oiticica
pendem sobre o rio
como fios
ligando o céu e a terra.
O galho grosso da árvore
enorme
foi meu trampolim
para a vida.
Dali pulei na água,
dali pulei na vida.
Na estrada
o ronco dos motores abafa
sob a ponte o barulho do rio
e, no entanto, ouço
claro o murmúrio
do rio da minha infância.
O rio continua o mesmo
enche e vaza ao ritmo dos invernos
- cheio, anuncia a fartura que virá
- seco, murcha a esperança dos homens.
O rio da minha infância
já não corre há muito.
Águas paradas decantam
minhas lembranças
fertilizadas
pelo húmus dos aluviões.
O leito tórrido do rio
é o ataúde da minha memória.*

FONTE: ALCÂNTARA, LÚCIO. *O RIO DA MINHA INFÂNCIA*, FORTALEZA: LABIRINTO, 2006. (POEMA SELECIONADO PELO AUTOR).